

POANCESTRAL

MUITO ALÉM DE 250



2ª ED.

ATEMPA



CPHIS

Coletivo das Professoras e
Professores de História da
Rede Municipal de Ensino
de Porto Alegre

POANCESTRAL

MUITO ALÉM DE 250

ORGANIZADORES:

Marco Mello

Roselena Colombo

Claudia Aristimunha

Melina Perussatto

Inês Vicentini

Coletivo de Professoras e Professores de História
da Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre (CPHIS)

Associação de Trabalhadores em Educação do
Município de Porto Alegre (ATEMPA)

2ª ed.
PORTO ALEGRE, RS
2023



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P739 PoAncestral: muito além de 250 / organização de Marco Mello, Roselena Colombo, Claudia Aristimunha ... [et al.] 2ª ed. - Porto Alegre: ATEMPA; CPHIS, 2023.
163 p. : il.

ISBN: 978-65-996311-3-9

1. Porto Alegre (RS). 2. Ancestralidade. 3. Memória social. 5. Comunidade quilombola. 6. Povos indígenas. 7. Ensino de história. I. Mello, Marco. II. Colombo, Roselena. III. Aristimunha, Claudia. IV. Perussatto, Melina. V. Vicentini, Inês. II. Título.

CDU – 981.651
930(816.51)

Elaborada pela Biblioteca Central da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Esta publicação é de acesso livre e é permitida sua reprodução, em parte ou no todo, sem alteração de conteúdo, desde que citada a fonte e sem fins comerciais

PLANO Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Brasília: MEC, SECADI, 2013.

PLANO Estadual de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino das Histórias e das Culturas Afro-Brasileiras, Africanas e dos Povos Indígenas. Porto Alegre: Secretaria de Estado da Educação/RS. 2017. PEREIRA, L.R.B; SANTOS, A. S. dos; VENZON, R. A. <http://www.educacao-admin.rs.gov.br/upload/arquivos/201803/21103649-pdf-plano-estadual-das-diretrizes-da-erer-1.pdf>

RESOLUÇÃO nº 1, de 17 de junho de 2004.

Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/res012004.pdf>

RESOLUÇÃO CNE/CEB nº 05 de 2012. Estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Indígena.

RESOLUÇÃO nº 8, de 20 de novembro de 2012. Define Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica. <http://www.seppir.gov.br/portal-antigo/arquivos-pdf/diretrizes-curriculares>

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e; GOMES, Nilma Lino; ARAUJO, Débora C. Apresentação. Relações étnico-raciais e práticas pedagógicas. **Educar em Revista**, Curitiba/PR n. 47, p. 35-50 2013.

PORTO ALEGRE, 250 ANOS: MEMÓRIAS EM IMAGENS FOTOGRÁFICAS

Zita Rosane Possamai

Doutora em História; Professora Associada do Curso de Museologia, do Programa de Pós-Graduação em Educação e Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio na UFRGS

E Porto Alegre comemora 250 anos. Porém, os vestígios arqueológicos coletados no sul da cidade indicam datas mais remotas para a presença humana. Os povos guarani aqui estavam, muito antes de chegar o sesmeiro mor ou os casais açorianos impedidos de rumar para as missões, porque lá ocorria, justamente, uma guerra guaranítica contra as metrópoles ibéricas.

No afã comemorativo, contudo, escolher datas e aniversários é imperativo. Em Porto Alegre houve exagero e chegou-se a comemorar, inclusive, duas vezes o bicentenário de fundação, em 1940 e em 1972. Pois é, o presente tem essa capacidade incrível de mudar o passado a seu bel prazer. As celebrações estão sempre a puxar a brasa para certo assado. E será necessário descobrir qual é o prato principal dessa festa. Mas nem tudo é ruim numa comemoração, basta não embarcar na onda ufanista da maioria e tratar essas datas como pretexto para reflexão sobre a cidade que um dia foi e aquela que queremos.

Lugares e sujeitos são tomados aqui como bons desencadeadores para pensar a cidade, suas memórias, seus esquecimentos,

suas histórias. Proponho esse exercício através das imagens fotográficas, afinal de contas, elas podem ser expressões, de tempos passados e também do presente, das escolhas para eternizar o visível e o invisível na cidade.

Início pela presença indígena, cujo projeto colonizador desejou totalmente apagada da configuração urbana e que raramente aparece nas imagens produzidas e legadas pelos grandes fotógrafos da cidade. Contudo, mais recentemente, retomaram suas terras no Morro do Osso ou em Belém Novo, ao mesmo tempo em que as marcas do artista Xadalu, nos muros, nas placas e nas paredes dos edifícios, certificam que aqui é terra indígena. Além disso, mulheres, homens e crianças, principalmente kaingang e guarani, vindos de diversas regiões do Rio Grande do Sul e até mesmo de outros estados do Brasil fazem de Porto Alegre seu lar temporário, enquanto realizam sua formação na universidade pública. Desejam eles os saberes não indígenas porque precisam dominar as armas dos poderosos para defender seus direitos à terra, à diferença e à cidadania. Hoje, circulam nas ruas, na universidade, nas praças de comércio e

ensinam modos de resistir à exclusão e à invisibilidade imposta pela vida urbana.



Figura 1: Reserva Cantagalo, Tekoá Jataity, autoria desconhecida. Acervo Museu de Porto Alegre Joaquim José Felizardo.

Ao contrário dos povos originários, os afrodescendentes receberam bastante atenção dos fotógrafos que se estabeleceram na cidade ou nascidos aqui. São imagens que oferecem informações sobre os seus ofícios, suas vestimentas, suas expressões culturais e que expressam também o olhar colonizador em busca de tipos exóticos, bastante apreciados pelos consumidores de imagens do século XIX.

Por outro lado, retratos pintados de afrodescendentes são raros nos museus e pinacotecas, a exemplo daquele de Viríssimo de Bittencourt, pertencente ao Museu Júlio de Castilhos. No espaço urbano, também são raros os monumentos que evocam memórias e práticas culturais desses grupos. Felizmente, o Mercado Público, como documento e monumento, tem sido sistematicamente consagrado à religiosidade de matriz africana,



Figura 2: Mercado Público, 4º quartel do século XIX, Irmãos Ferrari. Acervo Museu de Porto Alegre Joaquim José Felizardo

ainda que por décadas tenha sido alvo da truculência e das apreensões da polícia. A marca do Bará no ponto central dos quadrantes torna indelével a presença da ancestralidade afrodescendente na cidade e legitima uma prática que fora vítima do racismo estrutural da sociedade brasileira. Esse marco, assim como outros, do Museu de Percurso do Negro, assegura a visibilidade no espaço urbano dessas pessoas que construíram Porto Alegre e continuam a ser excluídas de muitos de seus espaços ou são até mesmo assassinadas, como ocorreu com João Alberto Silveira Freitas no Supermercado Carrefour, em 2020. Que ironia, subsistirem na mesma Porto Alegre um Mercado Público, mantido por ser considerado patrimônio da cidade num determinado tempo, onde os pretos se sentem acolhidos, com uma rede multinacional francesa de supermercados que permite seus funcionários assassinar um corpo negro. No primeiro impera a lógica da cultura e da memória, enquanto no segundo impera a razão mercadológica, assassina e excludente. Difícil escolha?

Como viram já fugi para os lugares. Esses sim por demais fotografados, em todos os tempos da existência desse engenho fabuloso da modernidade, a fotografia. No século XXI, mais que nunca, a cidade é o cenário preferido de milhares de produtores visuais, que com seus smartphones fazem caras, bocas e biquinhos para as *selfies*, sem notar o pano de fundo porto-alegrense: a orla, a Redenção, o museu x, y ou z, o Brique, o monumento tal. E assim, meio sem querer, a cidade entra nos recortes de nosso tempo que (quem sabe?) ficarão para a eternidade.

Seriam muitos os lugares bons para pensar com as imagens fotográficas, nesses anos redondos, se assim quiserem, 250 anos de Porto Alegre. O Cais do Porto é um desses lugares constantemente fotografado e que ainda hoje rende divinas imagens dos artistas da grafia da luz contemporânea. Foi capturado pelas lentes de Sioma Breitman que deixou o registro de um porto efervescente, não apenas parte do nome da cidade.

Seriam necessárias muitas linhas para traçar o percurso percorrido por esse lugarejo ribeirinho, um porto modesto e alegre, até chegar à metrópole distanciada das águas do Guaíba. Contudo, o Cais do Porto e o curso d'água do qual é solidário continuam a fervilhar nas mentes dos porto-alegrenses desejosos de compartilhar os futuros possíveis desta cidade. Alguns poucos desejam também ali a racionalidade mercadológica e excludente, aquela mesma da rede de supermercados

mencionada anteriormente. Entretanto, muitos desejam naquele lugar a efervescência e a criatividade da cultura, das artes, das memórias e dos patrimônios de uma cidade plural, inquieta, risonha, ecológica e (por que não?) alegre.



Figura 3: Cais do Porto, década de 1940, Sioma Breitman. Acervo Museu de Porto Alegre Joaquim José Felizardo

Por último, quero fugir dos lugares sem o fazê-lo verdadeiramente, porque não posso deixar de mencionar a censura à exposição *Queer Museum* pelo Santander Cultural, que, inclusive, mudou seu nome para esconder seu ato vexaminoso. Mais uma vez, alguns poucos decidiram por muitos que desejavam visitar a exposição. E nesse aspecto, a cidade mostrou sua face tacanha e provinciana, infelizmente acolhida por uma instituição cultural que, acima de tudo, deveria respeitar as expressões culturais.

Apesar do ar conservador e bolorento desse episódio, Porto Alegre é feita do colorido, da irreverência, das alegrias e também das tristezas dos grupos organizados LGBTs, a

exemplo do *nuances* e do *Somos*, e de muitas pessoas que desafiaram o *status quo* para exercer sua livre expressão sexual.

As memórias visuais da cidade, como estas em fotografias, necessitam mais que o sentido da visão para serem compreendidas. Precisamos olhá-las, enquanto elas também nos olham. Perguntam, afinal de contas: que cidade foi esta, que cidade aí está? que cidade desejamos para o futuro das novas gerações? A cidade que já foi não quer passar, pois deixou suas marcas nos corpos, nos corações e nas mentes daqueles que permanecem e são frutos dela. Indígenas em luta nas retomadas de suas terras ocupadas; afrodescendentes desterritorializados pela segregação urbana e vítimas do racismo estrutural; trabalhadores informais em busca de algum bico; mulheres em busca de dignidade e respeito às suas escolhas; grupos LGBT em luta pela vida e por direitos. A lista não tem fim. Mas também não tem fim a esperança e o desejo por uma cidade melhor, menos desigual, boa para se viver e acolhedora das diferenças.



Figura 4: Parada do Orgulho Gay, 2004. Foto: Adriana Franciosi, Acervo Agência RBS

O QUE DIA EM QUE PAULO FREIRE *BAIXOU* NO TERREIRO EM PORTO ALEGRE

Marco Mello

Professor de História e Filosofia da Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre

Publicado no Jornal Brasil de Fato RS, em 02 de maio de 2022

Sim, isso mesmo. E não foi apenas uma vez, foram muitas, incontáveis vezes. De diferentes formas ele se manifestou. Algumas vezes brevemente, outras mais perenes. Através de seu avatar físico ou em diferentes *cavalos*, metamorfoseado, seu espírito se manifestou, a dizer e testemunhar: “é preciso pronunciar a sua palavra”.

Ele *baixou* aqui em 1963, com o Ministro da Educação do Governo Jango Goulart, Júlio Sambaqui, para junto com Ernani Maria Fiori, como coordenador do Plano Nacional de Alfabetização para organizar o Instituto de Educação Popular, com mais de 600 Círculos de Cultura no RS. Voltou em março de 1964, às vésperas do golpe civil-militar, para uma